

#### Capítulo IV — TRABALHO

18. A Durabilidade do Mundo .....	149
19. Reificação .....	152
20. Os Instrumentos e o <i>Animal Laborans</i> .....	157
21. Os Instrumentos e o <i>Homo Faber</i> .....	166
22. O Mercado de Trocas .....	172
23. A Permanência do Mundo e a Obra de Arte .....	180

#### Capítulo V — AÇÃO

24. A Revelação do Agente no Discurso e na Ação .....	188
25. A Teia de Relações e as Histórias Humanas .....	194
26. A Fragilidade dos Negócios Humanos .....	201
27. A Solução Grega .....	205
28. O Espaço da Aparência e o Poder .....	211
29. <i>Homo Faber</i> e o Espaço da Aparência .....	220
30. O Movimento Operário .....	224
31. A Substituição da Ação pela Fabricação .....	232
32. A Ação como Processo .....	242
33. A Irreversibilidade e o Poder de Perdoar .....	248
34. A Imprevisibilidade e o Poder de Prometer .....	255

#### Capítulo VI — A VITA ACTIVA E A ERA MODERNA

35. A Alienação do Mundo .....	260
36. A Descoberta do Ponto de Vista Arquimediano .....	269
37. Ciência Universal versus Ciência Natural .....	280
38. O Advento da Dúvida Cartesiana .....	286
39. A Introspecção e a Perda do Senso Comum .....	293
40. A Atividade de Pensar e a Moderna Concepção do Mundo .....	297
41. A Inversão de Posições entre a Contemplação e a Ação .....	302
42. A Inversão dentro da <i>Vita Activa</i> e a Vitória do <i>Homo Faber</i> .....	307
43. A Derrota do <i>Homo Faber</i> e o Princípio da Felicidade .....	317
44. A Vida como Bem Supremo .....	326
45. A Vitória do <i>Animal Laborans</i> .....	333
Agradecimentos .....	339

## ideias — enfurecem interlocutores

### A POLÍTICA E A CONDIÇÃO HUMANA

Celso Lafer

— 1 —

*The Human Condition*, editado em 1958, é, na cronologia da obra de Hannah Arendt, o livro que se segue a *The Origins of Totalitarianism*, que é de 1951. A publicação de *The Origins of Totalitarianism* — o primeiro livro de Hannah Arendt, se não se levar em conta sua tese de doutorado sobre Santo Agostinho, de 1929 — causou grande impacto intelectual. Foi graças à repercussão pública deste impacto que Hannah Arendt ingressou, por assim dizer, no domínio público — aquele espaço que, quando existe e não está obscurecido, tem como função, como ela mesma observou, iluminar a conduta humana, permitindo a cada um mostrar, para o melhor e para o pior, através de palavras e ações, quem é e do que é capaz.<sup>1</sup>

No domínio público intelectual da segunda metade do século XX, a trajetória de Hannah Arendt evidenciou que ela foi capaz de muito, e creio que a sua fortuna crítica, após sua morte em 1975, vem confirmando a importância da contribuição que nos deixou. Em recente simpósio sobre sua obra, realizado em outubro de 1981, na New York University, eminentes estudiosos da França, Inglaterra, Israel e Estados Unidos, diante de um atento público de mais de 500 pessoas — tantas quantas couberam no Schimmel Auditorium — concluíram o evento certos de que estavam se confrontando com uma pessoa e uma mente de notável estatura, que exigia atenção mesmo que algumas de suas ideias tenham tido — e têm — o dom de enfurecer seus interlocutores. Não é outra a conclusão a que se chega através da leitura dos números da *Social Research* (vol. 44 n.º 1, Spring 1977) ou de *Esprit* (n.º 42, Juin 1980),

1. Hannah Arendt, *Men in Dark Times*, N. York: Harcourt, Brace World, Inc., 1968, p. VIII.

2. Cf. Colin Campbell, «Hannah Arendt: The Animus Fades» in *New York Times*, Monday, October 5, 1981, pp. B1 e B8; *New York Times*, Sunday, October 11, 1981, p. E9. Cf. igualmente *Jornal do Brasil*, domingo 25/10/81, caderno especial, p. 5, bem como o Suplemento Cultural de *O Estado de S. Paulo*, ano II, n.º 76, de 22/11/1981, pp. 4-5-6, que noticiaram a realização do simpósio.